



III SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS  
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

**A expressão da pesca artesanal na Geografia brasileira:  
análise das instituições onde estão os pesquisadores**

Cristiano Quaresma de Paula

Doutorando – POSGEA – UFRGS

cqpgeo@gmail.com

**Resumo**

Em todo o Brasil inúmeros geógrafos abordam em seus trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses as problemáticas da pesca artesanal. Esta análise objetiva apresentar a sumarização desses estudos, o que favorece estabelecer diálogos entre os trabalhos e constitui em uma estratégia para o fortalecimento de uma rede de cooperação acadêmica e social. Entre as justificativas enfatiza-se que a espacialização desses trabalhos permite pensar possibilidades para problemáticas da pesca artesanal brasileira como respostas da geografia. Para a análise dos trabalhos utilizou-se diversas técnicas de pesquisa como a análise do conteúdo dos 66 trabalhos disponíveis em arquivo digital e a análise das 82 respostas de questionários respondidos, por meio de plataforma digital, por geógrafos que abordam a pesca artesanal em seus estudos. Assim foram contemplados 104 trabalhos, os quais foram georreferenciados para a representação espacial dos resultados. A análise permitiu compreender que a maioria desses pesquisadores estão vinculados a instituições de ensino superior federais e estaduais, respectivamente. Estes pesquisadores estão em 18 unidades da federação, sendo que as regiões sudeste e nordeste concentram mais pesquisadores. Estes estão vinculados principalmente como professores, e a formação mais evocada é licenciatura em geografia. A análise também expõe a atuação desses geógrafos como professores universitários (31) que abordam a pesca artesanal em atividades de ensino, pesquisa e extensão. Cabe destacar que foram mapeados os grupos e projetos de pesquisa, que abordam a pesca artesanal na geografia brasileira. Quanto as pesquisas analisadas, estas ocorrem em 39 instituições de ensino superior, sendo que a região sudeste concentra mais instituições. Destaca-se que os períodos de 2005-2010 e 2010-2015 expõem um enorme avanço em número e expansão dessas pesquisas pelo Brasil. A principal modalidade de pesquisa é de mestrado (66 dissertações), que ocorrem em todas as regiões brasileiras, principalmente nas regiões sul, sudeste e nordeste. A região nordeste é a que mais concentra pesquisas de doutorado. Os principais conceitos abordados são território, espaço e ambiente, respectivamente. Destaca-se que esses trabalhos fazem referências à ocorrências de impactos sobre a pesca. Do ponto de vista do método enfatiza-se a composição metodológica na maioria dos trabalhos, mas também a forte utilização do Materialismo Histórico e Dialético. O principal grupo analisado são as comunidades, mas também as colônias e associações de pescadores. A espacialização desses trabalhos permitiu pensar a pesca artesanal e a própria geografia brasileira. Esta se configura em uma análise panorâmica (de sobrevoo) que permitirá identificar, relacionar e perceber possibilidades e lacunas na produção acadêmica da geografia quanto às problemáticas da pesca



III SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS  
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

artesanal. Soma-se a isso a identificação de tais geógrafos, para integrá-los em um trabalho em rede.

### **Introdução**

Em todo o Brasil inúmeros geógrafos abordam em seus trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses as problemáticas da pesca artesanal (De Paula, 2016). Este artigo apresenta a sumarização da análise desses estudos considerando a instituição em que estão os pesquisadores. Isto favorece estabelecer diálogos entre os trabalhos e constitui uma estratégia para o fortalecimento de uma rede de cooperação acadêmica e social.

Esta espacialização faz parte de uma análise maior que pretende contribuir para pensar a pesca artesanal e a própria geografia brasileira. Esta análise panorâmica (de sobrevoo), intrínseca à pesquisa de doutorado intitulada “Geografia(s) da Pesca Artesanal Brasileira”(De Paula, 2016b), permitirá identificar, relacionar e perceber possibilidades e lacunas na produção acadêmica da geografia quanto às problemáticas da pesca artesanal.

Este artigo objetiva especificamente identificar as instituições em que se encontram pesquisadores que estabeleceram abordagens sobre a pesca artesanal na geografia brasileira (trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses).

### **Metodologia**

A análise, presente neste artigo se deu sob as respostas de geógrafos, que pesquisam a pesca artesanal, a um questionário. Para os questionários utilizou-se uma plataforma online, disponibilizada pelo Google Docs - *Sheets*. Dos 96 pesquisadores que foram identificados como autores ou orientadores de trabalhos sobre pesca artesanal na geografia, 82 responderam os questionários. Cabe Frisar que das 82 respostas, 70 foram mapeadas.

Todas as informações respondidas pelos pesquisadores no *Google Docs-Sheets* foram automaticamente tabuladas em uma planilha online editável no Excel®.

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

A análise das respostas seguiu as orientações da análise de conteúdo. A principal distinção entre as diversas técnicas de análise de conteúdo seria entre aquelas mais qualitativas, que buscam identificar a presença ou a ausência de certas características no material analisado, e as quantitativas, que investigam a frequência com que aparecem certos termos (CORTES, 1998).

Neste trabalho a ênfase será dada sob as instituições onde estão os pesquisadores (geógrafos) que realizaram as pesquisas. Tratando de uma análise em escala nacional também são realizadas correlações por estado e região.

Para a análise espacial foi criada uma camada (*layer*) específica para as instituições, em que estão vinculados os pesquisadores que responderam os questionários.

Havendo a camada (*layer*) das instituições onde estão os pesquisadores, foram constituídos os *shapes files*, ligando tais camadas à tabela do banco de dados da análise dos questionários, deu-se suporte às representações cartográficas. Além dos citados *layers e shapes files* também foram utilizados *shapes files* do IBGE (limites municipais, estaduais, das grandes regiões, do território nacional e da Zona Econômica Exclusiva-ZEE) e dos países vizinhos do Brasil, disponibilizado pelo ARCGIS.

Tendo constituído um banco de dados georreferenciado, que integra a análise os resultados dos questionários, foram elaboradas representações cartográficas. Com o objetivo de entender quem são estes sujeitos que abordam a pesca artesanal na geografia brasileira, foram mapeadas as instituições onde estes se encontram. Assim foi possível apresentar mapas por instituição, cuja simbologia através áreas de intensidade e com gráficos de setor foi possível expor as principais características das suas atividades.

Para expor determinadas análises no Brasil foi utilizada a ferramenta “*spatial analyst*” do ArcGis 10.2.2® denominada “densidade de *kernel*”. Como há uma expressiva concentração das respostas em alguns estados, para a elaboração destes mapas utilizou-se o como base o desvio padrão, isso quer dizer que se considerou dispersão dos valores individuais em torno da média. Estes expuseram a densidade de instituições onde estão os geógrafos, das instituições de pesquisa em que foram realizados os trabalhos e das áreas de estudo.

### Análise Espacial

Os pesquisadores que responderam os questionários (70 respostas) estão vinculados a 47 instituições. A Figura 1 apresenta a distribuição dessas instituições no Brasil. Em cada instituição mapeada responderam de um a cinco pesquisadores. A instituição de onde surgiram mais respostas é a UERJ-FFP, seguida da UFBA e FURG.

**Figura 1: Instituições onde se encontram os pesquisadores.**



Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

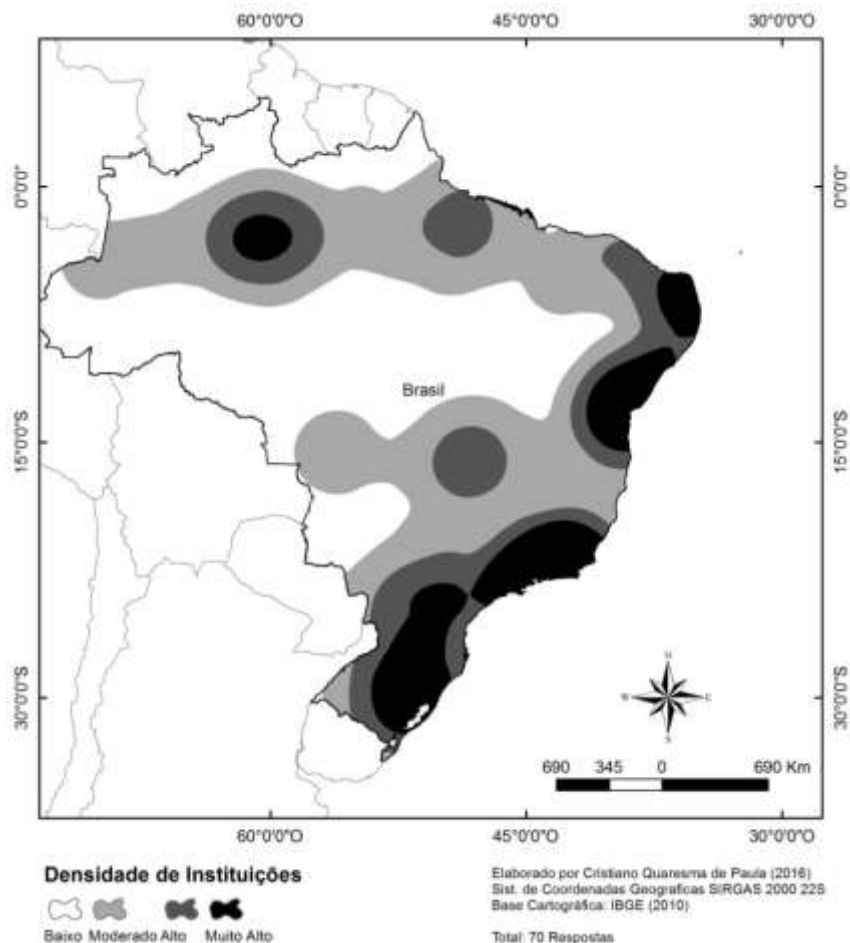
A maioria dessas instituições, onde estão os pesquisadores, são Universidades Federais (47,22%). Também são numerosos os pesquisadores que estão vinculados às Universidades Estaduais (29,17%). Os demais estão vinculados às Instituições de Educação Básica (8,33%), Institutos Federais (8,33%), Universidades Particulares (4,17%) e Institutos de Pesquisa (2,78%).

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

Fazendo a análise regional dos questionários observa-se que o maior número de respostas é da região Sudeste (29,58%) e Nordeste (29,58%). Na sequência o maior número de respostas é da região Sul (18,31%), seguida da região Norte (16,90%) e a região com menos respostas é a Centro-oeste (5,63%).

A partir do mapeamento das instituições, onde estão os pesquisadores que responderam os questionários elaborou-se o mapa de densidade (Figura 2). Este mapa apresenta a alta densidade de pesquisadores que responderam os questionários em instituições situadas na zona costeira. Cabe destacar a diversidade ambiental e social desta área. Também foi considerável a densidade na região amazônica. A partir dos questionários, se observa a lacuna de respostas vindas do centro do Brasil. Considerando este mapa, pode-se inferir uma significativa distribuição dos pesquisadores ao longo do Brasil.

**Figura 2: Densidade de Instituições onde Estão os Pesquisadores**

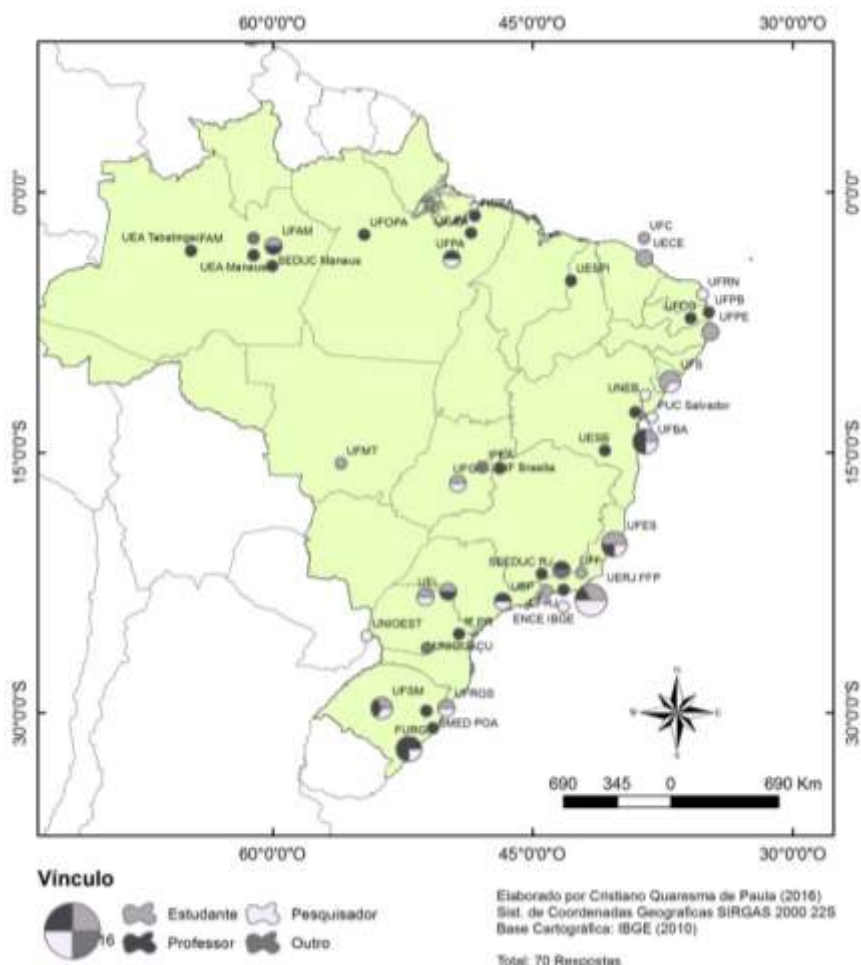


Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

Do ponto de vista da constituição de uma rede de pesquisadores caberia observar a potencialidade dos pontos de alta densidade e estabelecer estratégias para o de baixa densidade. Os pontos de densidade intermediária contribuem para estabelecer articulação com os pesquisadores dos pontos de alta densidade.

Partindo do mapa presente na Figura 3, o qual expõem os vínculos com as instituições, identifica-se que 42,3% estão associados à instituição atual como professores. O segundo vínculo mais frequente foi de estudante (28,2%). Já 24,3% estão vinculados às instituições mapeadas como pesquisadores. Estão vinculados como “outros” 5,1%. Cabe destacar que existem casos que no mesmo questionário houve resposta de mais de um vínculo, como estudante e pesquisador, por exemplo.

**Figura 3: Vínculo dos Pesquisadores**



Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

As áreas que acusam alta densidade de pesquisadores vinculados às instituições coincidem com os estados cujos há maior número de professores, identificados na pesquisa (Figura 3). Também se entende que o elevado número de pesquisadores vinculados às instituições como estudantes revela o envolvimento com as problemáticas da pesca na pesquisa de pós-graduação.

Com base no mapa da Figura 3 é importante salientar que muitas vezes nas instituições, onde apenas um pesquisador respondeu o questionário, este é professor. Isto é muito evidente nas instituições da região Norte, como é o caso dos campi da UEA.

Quanto aos pesquisadores vinculados como estudantes, constata-se que os mesmos predominam no Nordeste, onde em diversas instituições os questionários foram respondidos somente por estudantes. Nesse sentido destacam-se a UFC, UECE, UFPE e UFS. Compreende-se que repetidas vezes foram os estudantes que responderam, pois são os indivíduos que estão comprometidos com as problemáticas da pesca, geralmente na pós-graduação, onde o orientador não trabalha diretamente com pesca artesanal, mas com problemática que dialoga com ela.

No Sudeste e Sul do Brasil há maior variação de vínculos (pesquisador, estudante, professor) entre os pesquisadores que responderam os questionários. Também é onde o vínculo como pesquisador é mais evidente. Mais adiante será exposto que isto está relacionado com a presença de grupos de pesquisa.

A partir dessa amostragem já é possível concluir que frequentemente as universidades, onde estão os pesquisadores que responderam os questionários, não são as instituições mais “tradicionais” da Geografia Brasileira, principalmente analisando o Sudeste e Sul do Brasil. Logo, corresponde a um conjunto de pesquisadores em instituições, onde a pós-graduação é mais recente.

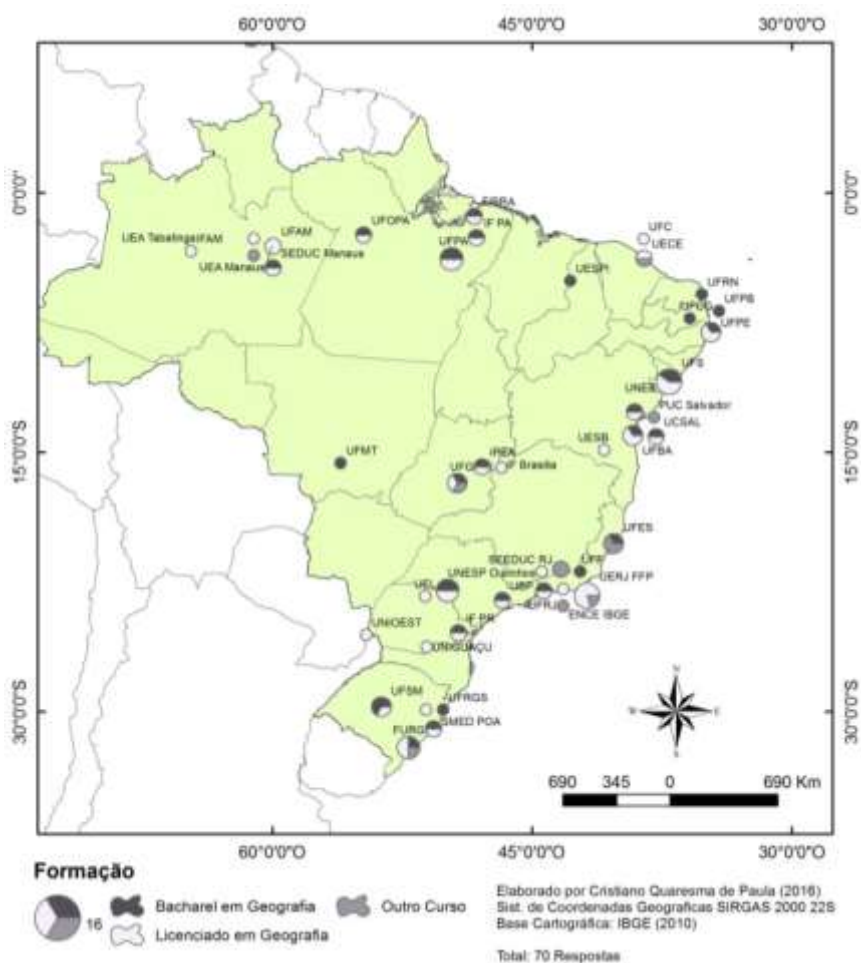
Quanto à formação salienta-se que os questionários foram encaminhados para geógrafos, ou seja, por aqueles que fazem geografia. A análise das respostas está expressa no mapa da Figura 4. Assim, entende-se que eles têm (ou estão em) formação em geografia na graduação ou pós-graduação. Também se considerou na análise indivíduos que embora não tenham formação em geografia são professores nos cursos de geografia.

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

Primeiramente frisa-se que a categoria “Outros” representa 15% do total das 70 respostas. Logo são doze pesquisadores com formação em Ciências Humanas, Ciências Sociais, Ciências Econômicas, Turismo, Urbanismo, Oceanografia, Geologia, Biologia, Zootecnia e Letras. Os estados da região Sudeste são os que apresentam mais pesquisadores com essas formações em outras áreas (28,57% do total da região).

Os licenciados em geografia correspondem a 36,25% do total das respostas. Verifica-se em todas as regiões o maior número dos pesquisadores possui licenciatura, sendo que alguns são bacharéis também. No mapa por instituição se constata que são raras as vezes que os pesquisadores não têm formação em licenciatura. Em alguns casos há presença de muitos licenciados, que responderam os questionários, como é o caso da UERJ/FFP.

**Figura 4: Formação dos Pesquisadores**



Fonte: Elaborado pelo autor (2016).





**III SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS**  
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

Os bacharéis em geografia significam 16,25% do total. O maior número de pesquisadores formados exclusivamente em bacharelado em geografia ocorre nos estado da região Nordeste (23,81% do total da região). Na análise por instituição se ressalta que a formação em bacharelado também tem ocorrência em todo o Brasil, contudo a maioria desses profissionais também tem formação em licenciatura. Das instituições que responderam somente bacharéis destacam-se UFRN, UFPB e UFCG, no Nordeste.

Os licenciados e bacharéis em geografia são 32,50% do total. Cabe destacar que dos estados da região Norte, 50% dos que responderam tem essa formação. Isso se confirma na análise por instituição, onde se destaca que a maioria das instituições da região Norte tem número equitativo de licenciados e bacharéis. É importante lembrar que 55 dos que responderam os questionários têm formação em licenciatura em geografia e 39 são bacharéis nesta ciência.

Tendo compreendido quem são estes pesquisadores e a quais instituições eles estão vinculados a análise irá expor suas participações em grupos e projetos de pesquisa e extensão. Frisa-se que das respostas dos questionários 71% informam que participam de grupos de pesquisa como está exposto na Figura 5.

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

**Figura 5: Participação dos Pesquisadores em Grupos de Pesquisa**



Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

Salienta-se que 26,76% do total, dos que responderam os questionários e participam de grupos de pesquisa encontram-se em estados da região Nordeste e 22,54% da região Sudeste.

Nesse sentido cabe destacar a atuação do NUTEMC - Núcleo de Pesquisa e Extensão: Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas da UERJ/FFP e o GeograFar - Geografia dos Assentamentos na Área Rural – da UFBA.

Entretanto é importante frisar que considerando o total por região, no Nordeste apenas 9,52% dos que responderam não participam de grupos de pesquisa. Além do GeograFar já citado, destacam-se Gestão Ambiental em Região Costeira, também da UFBA, GEPPAM - Grupo de Estudo Paisagem e Planejamento Ambiental da UFC e GEOPLAN - Grupo de Pesquisa em Geoecologia e Planejamento Territorial da UFS.



**III SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS**  
04 a 07 de outubro de 2016

**Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano**

Já da região Sudeste 23,81% não participam. A região Norte tem uma proporção de 33,33% de pesquisadores que não atuam em grupos de pesquisa. Nesta região pode-se citar Grupo Acadêmico Produção do Território e Meio Ambiente na Amazônia – GAPTA da UFPA.

Na região Sul não se concentra o maior número dos que participam de grupos de pesquisa, mas considerando o percentual na região se observa que 84,62% dos pesquisadores participam. Segundo os que responderam os questionários há variedade de grupos de pesquisa, como podemos exemplificar na FURG, a participação dos pesquisadores no ASA - Núcleo de Análise Socioambiental, NAU – Núcleo de Análises Urbanas e LACRIO – Laboratório de Análise da Crioosfera.

Em relação a participação dos pesquisadores que, responderam os questionários, em projetos de pesquisa, que envolvem problemáticas dos pescadores artesanais, existem ocorrências em dez unidades da federação, como está presente no mapa da Figura 6.

O estado do Rio de Janeiro apresenta cinco pesquisadores envolvidos com projetos de pesquisa. Do NUTEMC – UERJ/FFP, por exemplo, foram apontados os projetos: “Território e Cartografia da Ação Social: análise da cadeia produtiva, das condições de trabalho e das formas de luta dos trabalhadores da pesca artesanal no Rio de Janeiro”; “Economia Política do Território: Análise da cadeia produtiva da pesca artesanal na metrópole do Rio de Janeiro” e “Modernização: mapeamento de riscos para a pesca artesanal no estado do Rio de Janeiro”, entre outros.

**Figura 6: Participação dos Pesquisadores em Projetos de Pesquisa**



Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

No estado da Bahia três pesquisadores que responderam os questionários participam de projetos de pesquisa. Do GeograFar – UFBA, por exemplo, enaltece-se os projetos “Mapeamento dos Conflitos da Pesca Artesanal na Bahia” e “Identidade das Comunidades Tradicionais Pesqueiras”, entre outros. Neste estado também cabe frisar os projetos – “Manejo Comunitário de Recursos Naturais na Resex Marinha Baía do Iguaçu (MARENA)” e “Gestão Ambiental e Conflitos Territoriais nas Resex Marinhas da Bahia” do grupo Gestão Ambiental em Região Costeira - UFBA.

No Rio Grande do Sul dois pesquisadores responderam que participam de projetos de pesquisa. Foi apontado o projeto “Mapeamento Participativo nas



**III SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS**  
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

Comunidades Ribeirinhas da FLONA de Tefé – AM” do NEGA – Núcleo de Pesquisa Geografia e Ambiente – UFRGS.

No Estado do Pará também dois pesquisadores responderam que participam de projetos de pesquisa. Destes, destacamos os projetos “Biodiversidade, Populações Tradicionais e Uso dos Recursos em Áreas Protegidas” – GEPPAM – UFPA e “Mapeamento Participativo e Estratégias de Sobrevivência de Populações Tradicionais na Amazônia Paraense” – GAPTA – UFPA.

Segundo os pesquisadores que responderam os questionários e participam de projetos de pesquisa, 62,5% apontaram que os projetos são financiados. Outros 16,67% informam que alguns projetos são financiados e outros não. E 20,83% afirmam que os projetos de que participam não são financiados.

O CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - é o principal órgão financiador dos projetos de pesquisa, segundo dez pesquisadores que responderam os questionários. Para doze pesquisadores as agências estaduais costumam financiar esses projetos. Os demais financiadores apontados são CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, MEC – Ministério da Educação e Cultura, MCT – Ministério de Ciência e Tecnologia, Petrobrás e ONGs.

A participação dos pesquisadores em projetos de extensão tem menor ocorrência no Brasil. Tal participação está muito concentrada nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia. Entre os projetos de extensão (Figura 7), que os pesquisadores apontaram que participam, cabe destacar no Rio de Janeiro o projeto “Pescando por Meio de Redes Sociais” – NUTEMC – UERJ/FFP. No Espírito Santo há participação de pesquisadores no projeto “Modos de Vida, Percepção Ambiental e Noção de Risco: um estudo das condições de saneamento das populações pesqueiras do litoral do Espírito Santo” promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Populações Pesqueiras e Desenvolvimento no ES – GEPEDES (Ciências Sociais – UFES). E da Bahia um exemplo é o “Campanha Nacional pela Regularização dos Territórios das Comunidades Tradicionais Pesqueiras no estado da Bahia: Desafios e Perspectivas” do GeograFar - UFBA. Também na região Nordeste no estado do Rio Grande do Norte um pesquisador apontou o projeto "Pescador Artesanal de Cajueiro (Touros – RN) na Perspectiva da

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

Inclusão Social e da Cidadania” promovido pelo Grupo de Estudos Urbanos e Regionais  
– UFRN.

**Figura 7: Participação dos Pesquisadores em Projetos de Extensão**



Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

No Estado do Pará há participação de um pesquisador no projeto “Conservação e Uso dos Recursos Naturais em Áreas Protegidas no Nordeste Paraense” da GEPPAM – UFPA. No Rio Grande do Sul o Projeto “Mapeamento Participativo nas Comunidades Ribeirinhas da FLONA de Tefé – AM” também promove extensão junto ao NEGA - UFRGS.

Dos pesquisadores que responderam os questionários e participam de projetos de extensão 50% apontaram que os projetos são financiados. Outros 38,89% informam que

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

alguns projetos são financiados e outros não. Já 11,11% afirmam que os projetos de que participam não são financiados.

Cinco pesquisadores que responderam os questionários apontaram o CNPq como financiador de projetos de extensão. Sete pesquisadores apontaram as agências estaduais como órgãos de fomento à extensão. Para o financiamento dos projetos de extensão cinco pesquisadores apontaram o Edital PROEXT de MEC. Os demais financiadores apresentados são a CAPES e as Universidades.

É significativa a informação de que 31, dos pesquisadores que responderam os questionários, atuam como professores universitários (44,2 % do total), os quais estão presentes em 15 unidades da federação e em 29 Instituições de Ensino Superior - IES (Figura 8). O Nordeste foi a região que apresentou o maior número de professores universitários vinculados às IES (13 IES, 14 professores universitários), que responderam os questionários. O estado da Bahia foi o que mais registrou respostas de professores universitários (8), sendo dois da UFBA.

Na região Norte oito responderam que são professores universitários, de sete IES. O estado do Pará também apresenta um considerável número de professores universitários que desenvolvem pesquisas sobre pesca artesanal (5), deste dois estão na UFPA.

No Sul do Brasil responderam professores universitários de três IES. O Rio Grande do Sul apresenta o maior número de professores universitários da região, que responderam os questionários (4). Cabe destacar que destes três são da FURG.

O Sudeste, que em todos outros mapas apresentou o maior número de pesquisadores que responderam os questionários, apresenta um número intermediário de professores universitários, considerando o universo da pesquisa (5 IES, 6 professores). Entre os estados desta região o Rio de Janeiro contém o maior número (3), sendo dois da FFP-UERJ.

Considerando o potencial do professor universitário no que tange a possibilidade de desenvolver ensino, pesquisa e extensão universitária no âmbito da pesca artesanal, é considerável o número de respostas desses sujeitos, para promover o diálogo sobre geografias da pesca.

**Figura 8: Professores Universitários**



Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

Para abordar o ensino enfatiza-se a atuação dos professores universitários no magistério superior. Os professores universitários que responderam os questionários atuam principalmente nos cursos da graduação (29) em geografia bacharelado e/ou licenciatura. Ainda 23 lecionam em cursos de especialização na área da geografia. Doze são professores em cursos de mestrado em geografia e sete em nível de doutorado. Ainda 19 professores lecionam em outros cursos de graduação, especialização, mestrado e doutorado. É possível constatar a disposição desses professores em diversas universidades do Nordeste e Sudeste. Cabe destacar o caso do Espírito Santo, onde os trabalhos sobre pesca têm surgido a partir da relação com outras áreas do conhecimento, como é o caso das Ciências Sociais.





**III SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS**  
04 a 07 de outubro de 2016

**Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano**

A análise por instituição apresenta o vínculo com curso de graduação na maioria das instituições onde estão lotados os professores. É importante a presença de professores em cursos de mestrado em sete dos 12 estados, onde docentes responderam os questionários. Observando a distribuição por instituição fica mais evidente a distribuição dos professores de mestrado ao longo do eixo sul-sudeste-nordeste. Exemplos dessas presenças são a FURG no Sul, e a UFBA no Nordeste.

A docência em cursos de especialização é menos numerosa (6 de 12 estados). Esse tipo de atividade aparece com maior força na região Norte, no caso do Amazonas equivale à graduação. Analisando por instituição isso é ainda mais manifesto, e expõe um comportamento diferente do restante do Brasil – equivalência visível na UFPA e IFPA.

A atuação dos professores em cursos de doutorado ainda é a menos evidente (3 de 12 estados). Os professores em nível de doutorado estão concentrados no Rio Grande do Sul na UFSM, Bahia na UFBA e São Paulo na USP.

Para vislumbrar as principais atividades desenvolvidas pelos professores universitários, que responderam os questionários (além da pesquisa e extensão já apresentados anteriormente) no âmbito do magistério de disciplinas do ensino superior, de orientação de trabalhos de conclusão de curso de graduação, mestrado e doutorado e participação de bancas de tcc, dissertações e teses.

A atuação como professor de disciplina (graduação, mestrado e doutorado) é apontada pela maioria dos professores universitários. (21 dos 31 que responderam). Analisando quais são essas disciplinas, constata-se que a maioria não se refere diretamente à pesca, mas integra problemáticas dos pescadores, como Geografia Agrária, Cartografia, Geografia Humana, Geografia Urbana, Teoria e Método, Biogeografia, entre outras. Existem casos de disciplinas específicas como Organização Espacial da Pesca (FURG); Populações Tradicionais (Geografia Humana USP) e Comunidades Tradicionais: Terra, Território e Territorialidades (UFBA). Assim se evidencia a pesca não como um tema, mas uma problemática possível de ser abordada transversalmente em diversas disciplinas dos cursos de geografia.

Os professores que orientam na graduação e pós-graduação também são frequentes (26 de 31). Destes 16 são orientadores em trabalhos de conclusão de curso de



III SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS  
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

graduação. Três orientam monografias de especialização. Ainda dez são orientadores de dissertações de mestrado e quatro orientam teses de doutorado. Em alguns estados há equivalência entre atividades em disciplinas e orientações, abordando a pesca (Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul). No caso do Rio de Janeiro, por exemplo, ainda a atividade de orientação é mais frequente que a atuação como professor de disciplinas relacionadas com a pesca.

Por fim 16 dos professores universitários dizem que costumam participar de bancas de trabalhos que abordam a pesca artesanal. Dez participam de bancas de trabalhos de conclusão de curso e quatro de especialização. Ainda treze costumam ser convidados para bancas de avaliação de dissertações de mestrado e três de teses de doutorado.

### **Conclusões**

Primeiramente cabe destacar que há uma concentração destes pesquisadores nas regiões sul, sudeste e nordeste. Esta localização coincide com a Zona Costeira, onde há maior densidade de ocupação do território brasileira, e onde se localizam muitas instituições universitárias.

Também é importante frisar que esses geógrafos atuam como estudantes, professores e pesquisadores. Neste sentido se destaca o vínculo dos estudantes com o ensino de mestrado. Contudo, como está expresso em outras análises (De Paula, 2016) outras modalidades são significativas e vem crescendo, como doutorado.

Quanto aos pesquisadores, coincidem com as instituições, onde há maior participação em grupos de pesquisa e em projetos de pesquisa e extensão. Esse mapeamento já põe em evidência os principais grupos de pesquisa que abordam a pesca artesanal em projetos de pesquisa e extensão.

Em relação ao ensino foi destacado o vínculo dos pesquisadores como professores universitários. As orientações desses professores em pesquisas de graduação, especialização, mestrado e doutorado parece ser um elemento fundamental para o avanço da pesquisa sobre pesca artesanal no Brasil.

Como já foi citado este artigo expõe uma parte de uma análise maior, onde se analisou a produção acadêmica da geografia brasileira, quanto as problemáticas da



**III SEMINÁRIO NACIONAL  
ESPAÇOS COSTEIROS**  
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

pesca artesanal. Esta parte apresentada expõe o mapeamento dos geógrafos que abordam a pesca artesanal no Brasil, como uma estratégia de constituição de uma rede de cooperação acadêmica e social.

Assim, o artigo expõe o processo de auto-organização da Rede de Geografias da Pesca, que se articula por rede social e grupo de endereços eletrônicos. Assim, reconhece-se os sujeitos envolvidos com a pesquisa, para favorecer a articulação entre eles e assim pensar em ações conjuntas.

### **Referências**

ARCGIS. Website do ARCGIS. **LatinAmerica**. Disponível em <http://www.arcgis.com/>. Acesso 01 out 2015.

CORTES, Soraia. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. **Revista Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 11-47, 1998.

DE PAULA, Cristiano Quaresma. Projeto de Qualificação de Doutorado: **Geografia(s) da Pesca Artesanal Brasileira**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre, Junho de 2016b.

DE PAULA, Cristiano Quaresma. Tecendo uma rede de geografias da pesca. In. SILVA, Catia Antonia; DE PAULA, Cristiano Quaresma. **Brasil e Moçambique: Diálogos geográficos sobre a pesca artesanal**. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2016.

IBGE. Website do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Geociências**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso 01 out 2015.